

GTX - Crises

Das Falhas do CIS-tema de Arte, Surgem as Pornossexualigrafias

Doutorando Christian Gustavo de Sousa (UERJ)

RESUMO

O CIS-tema de arte falhou. Angela Davis, durante uma palestra em São Paulo, pontuou a necessidade que temos de uma nova democracia, pois a que está aí falhou. A forma como ela tem sido praticada falhou e precisamos construir uma outra democracia e, pensando nesta falha do CIS-tema democrático, observo que igualmente este CIS-tema de arte no qual estamos inseridos também tem falhado, principalmente, com as corpos dissidentes, as marginalizadas. Durante meu mestrado e agora, no doutorado, minha pesquisa tem construído redes de vivências e experiências para uma análise crítica do CIS-tema de arte, sob diversos marcadores sociais da diferença (raça, gênero, sexualidade, classe...), para tratar da temática das artes das sexualidades. Este artigo surge a partir da minha dissertação e os caminhos que me levaram à criação de trabalhos artísticos envolvendo diferentes linguagens, como GIFs, fotografias e videos, para apresentar o conceito do que intitulei como Pornossexualigrafia.

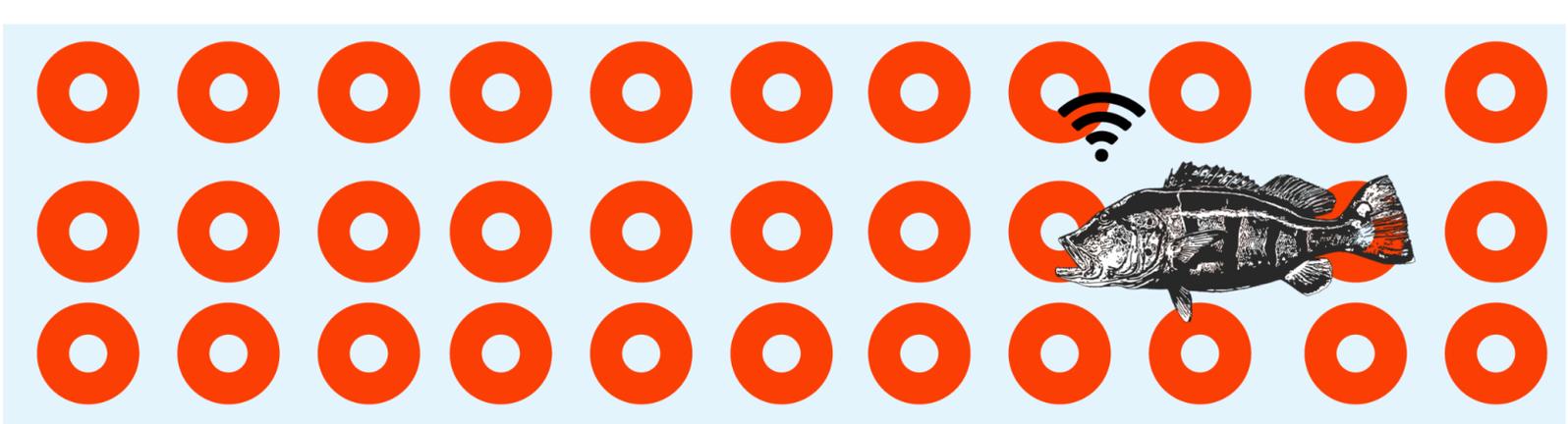
Palavras-chave: CIS-tema de Arte; Marcadores Sociais; Falha; Pornossexualigrafia.

ABSTRACT

The art CIS-tem has failed. Angela Davis, during a lecture in São Paulo, pointed out the need we have for a new democracy, because the one that is there has failed. The way it has been practiced has failed and we need to build another democracy and, thinking about this failure of the democratic system, I observe that this art CIS-tem in which we are inserted has also failed, mainly, with the dissident bodies, the marginalized. During my master's degree and now, in my PhD degree, my research has built networks of experiences for a critical analysis of the art CIS-tem, under different social markers of difference (race, gender, sexuality, class...), to address the theme of the arts of sexualities. This article arises from my thesis and the paths that led me to the creation of artistic works involving different languages, such as GIFs, photographs and videos, to present the concept of what I titled Pornosexualigraphy.

Keywords: Art CIS-tem; Social Markers; Failure; Pornosexualigraphy.

Vocês devem estar estranhando eu ter escrito CIS-tema de arte com C, não é? Não foi erro não. Trago desta forma a partir de duas pesquisadoras babado. Primeiro, a Viviane Vergueiro que na sua dissertação de mestrado, apresenta com esta grafia para nos provocar a refletir sobre a construção dos sistemas. Ela escreve: “a corruptela ‘cistema’, entre outras corruptelas do tipo, têm o objetivo de enfatizar o caráter estrutural e institucional – ‘cistêmico’ – de perspectivas cis+sexistas, para além do paradigma individualizante do conceito de ‘transfobia’.” (Viviane VERGUEIRO, 2015, p. 15). Segundo, a partir da Bruna Kury que escreve assim: CIS-tema



“Com c de cisgênero, palavra criada para localizar pessoas não trans. Fazendo referência com a nomenclatura, cis-tema fala do sistema social centrado na heterocissexualidade compulsória” (Bruna KURY, 2021, p. 12).

E se não sabe o que é heterocissexualidade compulsória, sugiro ler Judith Butler e o seu livro *Problemas de Gênero* (2003) e se preferir ao invés da escrita a oralidade, tem um vídeo ótimo no YouTube da professora e pesquisadora Helena Vieira intitulado *A Invenção da Heterossexualidade* (2021)¹, pois é importante entender a ideia por trás deste conceito para entendermos a dinâmica das falhas do CIS-tema de arte.

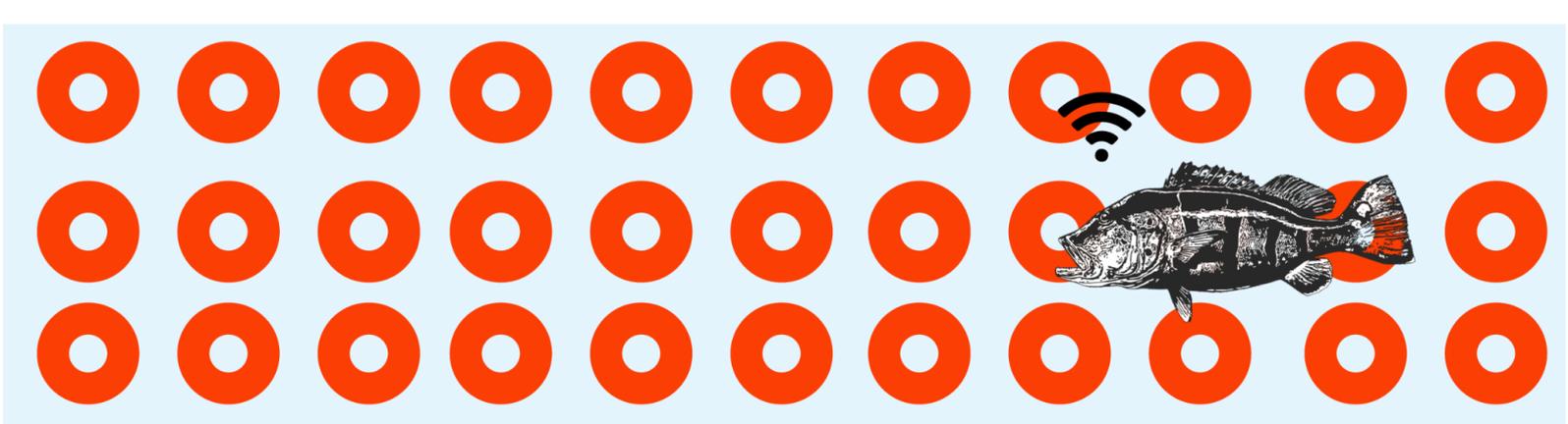
A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino se diferencia do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas e do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo (Judith BUTLER, 2003; Helena VIEIRA, 2021).

E manter esta grafia é uma forma de justamente continuar este provocar e este questionar dos cis-temas que nos rodeiam: jurídico, saúde, político, acadêmico... Nas minhas pesquisas, tenho me concentrado no que me interessa mais, o CIS-tema de arte. Sobre este e para pensar a partir da construção desta ideia de CIS-tema, pedirei ajuda a professora doutora Maria Amélia Bulhões e seu texto *O sistema da arte mais além de sua simples prática*, no qual ela traz uma definição de CIS-tema de arte que ajudará a nos localizar. Ela escreve o seguinte para definir CIS-tema de arte:

conjunto de indivíduos e instituições responsáveis pela produção, difusão e consumo de objetos e eventos por eles mesmos rotulados como artísticos e responsáveis também pela definição dos padrões e limites da arte para toda uma sociedade, ao longo de um período histórico (Maria Amélia BULHÕES, 2014, p.15-16)

Citando Pierre Bourdieu, ela escreve que este CIS-tema é como se fosse um campo, um espaço de jogo. “Um campo de relações objetivas entre indivíduos e instituições que competem por um mesmo objetivo” e “para entrar na disputa deste jogo é necessário respeitar a sua

¹ Disponível em <https://youtu.be/mt2dbhRYAE4>. Acesso em 29/04/23.



estrutura e conhecer as suas regras, mesmo que o jogador não concorde com elas” (Pierre BOURDIEU, 1983 apud Maria Amélia BULHÕES, 2014, p. 16-17).

Maria Amélia vai analisando essas definições e pensando nos mecanismos de dominação que foram utilizados para a construção desta ideia de CIS-tema de arte, de regras e limites da arte, de padrões a partir de quem domina, dos colonizadores. Pensando nesta definição apontada por Maria Amélia, assim como as problematizações em torno dela é que caminharei por este artigo para pensar as falhas do CIS-tema de arte.

Em 2019, estive presente em uma palestra da Angela Davis no Parque Ibirapuera/São Paulo², na qual ela pontuou a necessidade que temos de uma nova democracia, pois a que está por aí, inclusive, no Brasil, falhou e precisamos pensar uma outra democracia e pensando nesta falha do CIS-tema democrático, penso que este CIS-tema de arte no qual estamos inseridos também tem falhado. Observemos, como exemplo entre vários, o caso envolvendo o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand/MASP e as curadoras Sandra Benites (primeira curadora indígena do MASP) e Clarissa Diniz que ganhou as mídias e fez as curadoras pedirem demissão após obras referentes ao Movimento Sem Terra/MST terem sido recusadas pela direção do MASP para serem partes da mostra *Histórias Brasileiras*, no núcleo *Retomadas*³. Então, como pensar este CIS-tema de arte a partir destas falhas que têm acontecido com artistas, obras, curadorias, espaços e os diversos agentes envolvidos e os marcadores sociais intrínsecos a ele?

No entanto, se faz importante frisar que da mesma forma que este CIS-tema de arte tem falhado com artistas e outros agentes da arte, a sociedade também tem falhado com artistas, obras e com o próprio CIS-tema de arte, especialmente, no que se refere às artes das sexualidades. Vejamos alguns casos de censura que aconteceram no Brasil nos últimos anos.

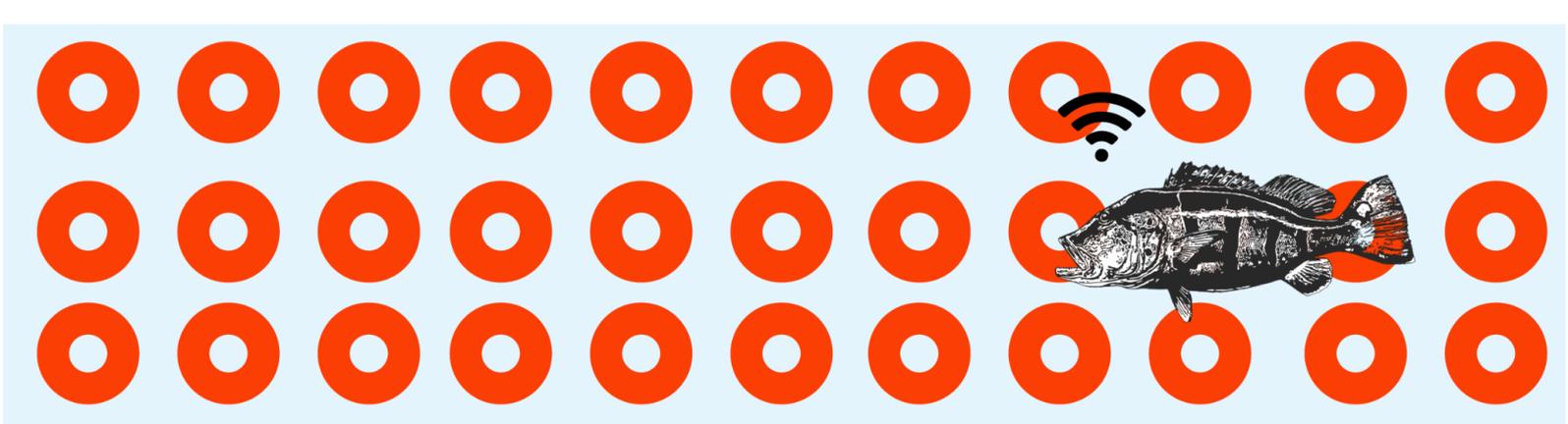
²

Ver

em:

<https://www.facebook.com/Boitempo/photos/angela-davis-no-ibirapuera-amanh%C3%A3aberto-gratuito-e-sem-necessidade-de-inscri%C3%A7%C3%A3o-/2472655176115904>. Acesso em 02/05/23.

³ As obras depois de uma série de negociações acabaram fazendo parte da exposição, mas houve todo um processo de tentativa de apagamento de tais imagens na exposição. Entenda melhor o caso aqui: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/17/primeira-curadora-indigena-do-masp-se-demite-apos-direcao-recusar-fotos-do-mst-museu-alega-descumprimento-do-prazo.ghtml>. Acesso em 29/04/23.



Censurado 01: *O evangelho segundo Jesus, Rainha do céu*, com Renata Carvalho⁴ e **Censurado 02:** DNA de DAN, de Maikon K⁵.



Figura 01: Renata Carvalho na peça “O evangelho segundo Jesus, Rainha do céu”. Fonte: Google
Figura 02: Maikon K na performance DNA de DAN. Fonte: site do artista

Censurado 03: Exposição Queermuseu, no Santander Cultural, em Porto Alegre⁶ e **Censurado 04:** Nossa Senhora do Matriarcado, de Mãe Correria⁷

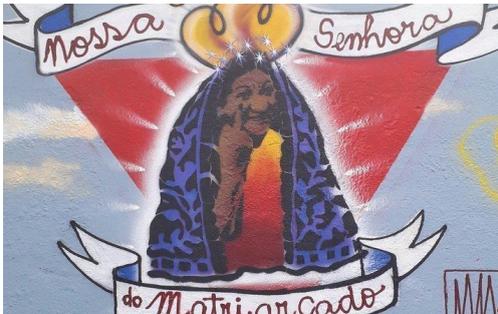


Figura 03: Bia Leite. Travesti da lambada e deusa das águas”. Registro. Fonte: Site Veja RS
Figura 04: Mãe Correria. Nossa Senhora do Matriarcado. Grafitti. São Paulo/SP. Fonte: Internet

4

Ver

em

<https://www.esquerdadiario.com.br/Peca-O-evangelho-segundo-Jesus-Rainha-do-ceu-censurada-em-Garanhuns>.
Acesso em 30/04/23.

⁵ Ver em

<https://movimentomobile.org.br/caso/ministerio-publico-move-processo-contr-artista-por-espetaculo-obsceno/>.
Acesso em 30/04/23.

⁶ Ver em

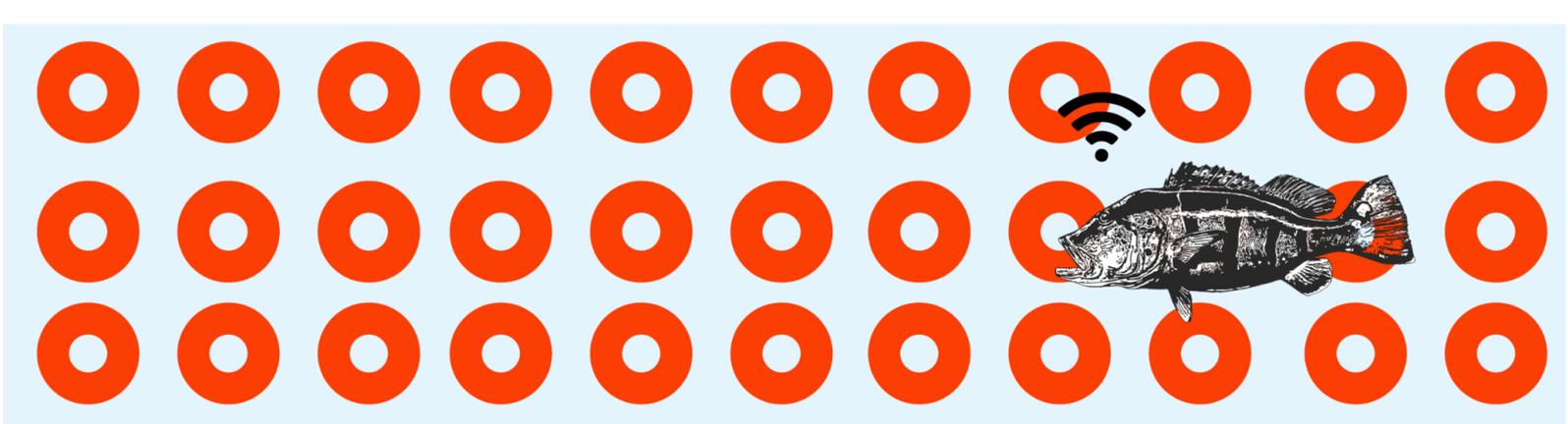
<https://veja.abril.com.br/coluna/rio-grande-do-sul/veja-imagens-da-exposicao-cancelada-pelo-santander-no-rs/>.
Acesso em 30/04/23.

7

Ver

em

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/13/imagem-nao-fala-sobre-religiao-e-sim-sobre-matriarcado-diz-grafiteira-autora-de-obra-removida-de-muro-em-sp.ghtml>. Acesso em 30/04/23.



Censurado 05: La Bête, de Wagner Schwartz⁸ e **Censurado 06:** Atos da transfiguração: receita de como fazer um santo, de Antonio Obá⁹



Figura 05: Wagner Schwartz. La Bête. Foto: Humberto Araújo. Fonte: Revista Cult

Figura 06: Antonio Obá. Atos da transfiguração: receita de como fazer um santo. Performance. Fonte: Internet

Censurado 07: Madona di Valdetaro, de Rodolpho Valdetaro¹⁰ e **Censurado 08:** Desenhando com Terços, de Márcia X¹¹



Figura 07: Rodolpho Valdetaro. Nossa Senhora. Fonte: arquivo pessoal do artista

Figura 08: Márcia X. Desenhando com Terços. Fonte: Arte!Brasileiros

⁸ Ver em <https://revistacult.uol.com.br/home/la-bete-dois-anos-depois-wagner-schwartz/>. Acesso em 30/04/23.

⁹ Ver em

<https://www.premiopipa.com/2018/11/antonio-oba-expoe-criticas-sociais-ao-proximo-governo-federal-para-jornal-ingles>. Acesso em 01/05/23.

¹⁰

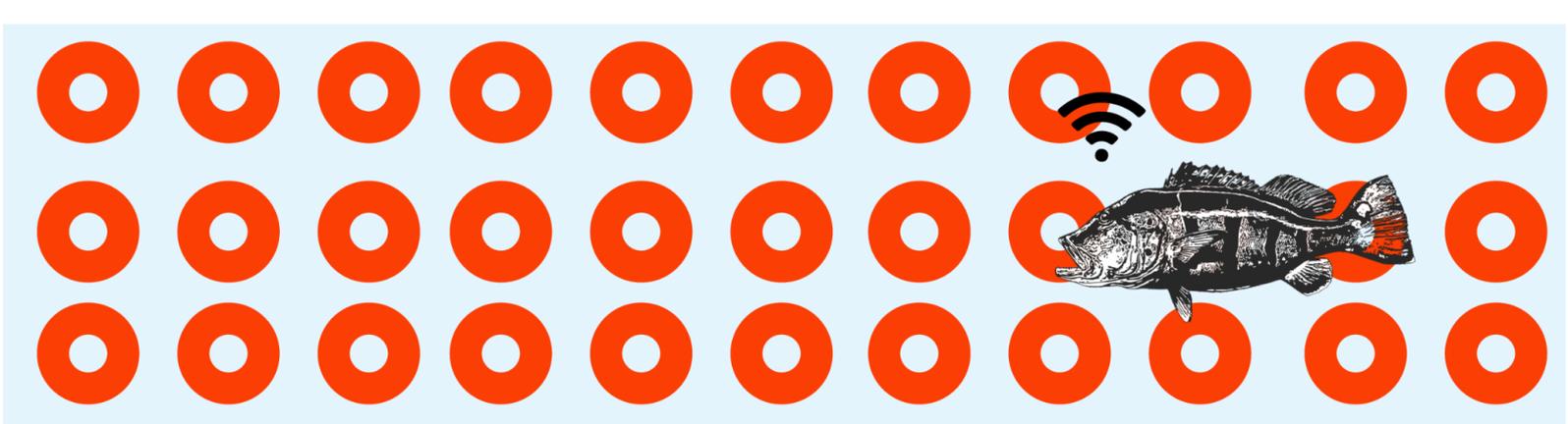
Ver

em

<https://www.agazeta.com.br/entretenimento/cultura/imagem-de-nossa-senhora-e-censurada-em-vila-velha-0318>.

Acesso em 01/05/23.

¹¹ Ver em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2004200601.htm>. Acesso em 01/05/23.



Censurado 09: Manifesto do Futuro Fracassado, de Chris, The Red¹².

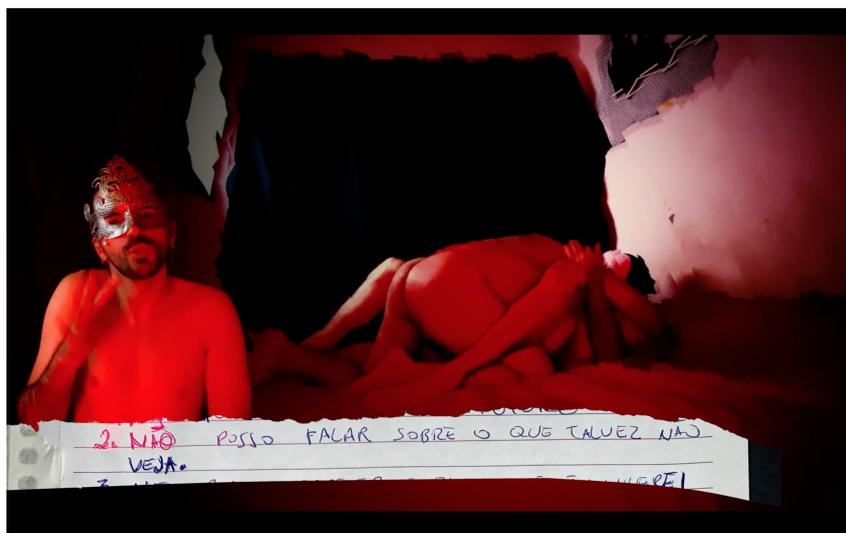
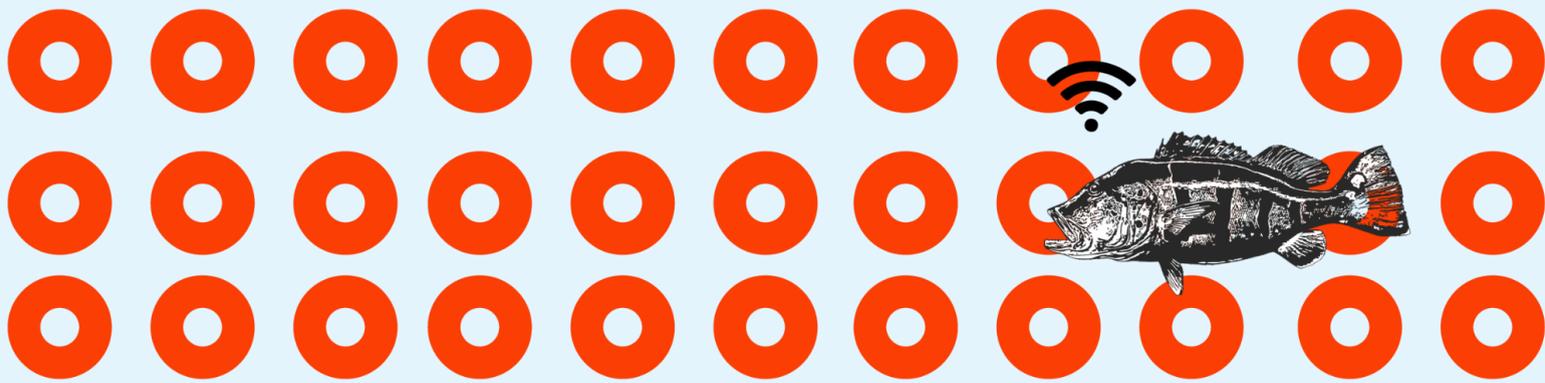


Figura 09: Chris, The Red. Manifesto do Futuro Fracassado. Videoarte. São Paulo/SP. 2022. Frame: Chris, The Red

As nove obras citadas acima (Figuras 01 a 09) são de artistas brasileiros e foram censuradas em algum momento da história de arte no Brasil. Algumas pelo próprio CIS-tema de arte; outras, pelas sociedades das quais estes CIS-temas são partes. No entanto, independentemente da origem da censura – dentro ou fora do CIS-tema de arte – é importante entender que estas censuras se retroalimentam. Quando a sociedade censura uma obra e o CIS-tema acata, excluindo uma obra ou fechando uma exposição, outros agentes da arte acabam por censurar obras em outras exposições, galerias, museus, projetos e outros espaços para não sofrerem represálias de movimentos, políticos, agentes conservadores, fanáticos religiosos e afins. E vira um ciclo sem fim e como este ciclo precisa ser quebrado, é nosso papel – ou deveria – ser parte nesta ruptura.

E foi nessa busca por pensar outras possibilidades para o CIS-tema de arte que me atrevi a imaginar outros caminhos para as artes das sexualidades para além da divisão entre artes eróticas e pornográficas. Madonna tem uma música chamada *God Control* e, em determinado

¹² Ver em <http://theredstudio.com.br/index.php/portfolio/videos/641-manifesto-do-futuro-fracassado>. Acesso em 01/05/23.

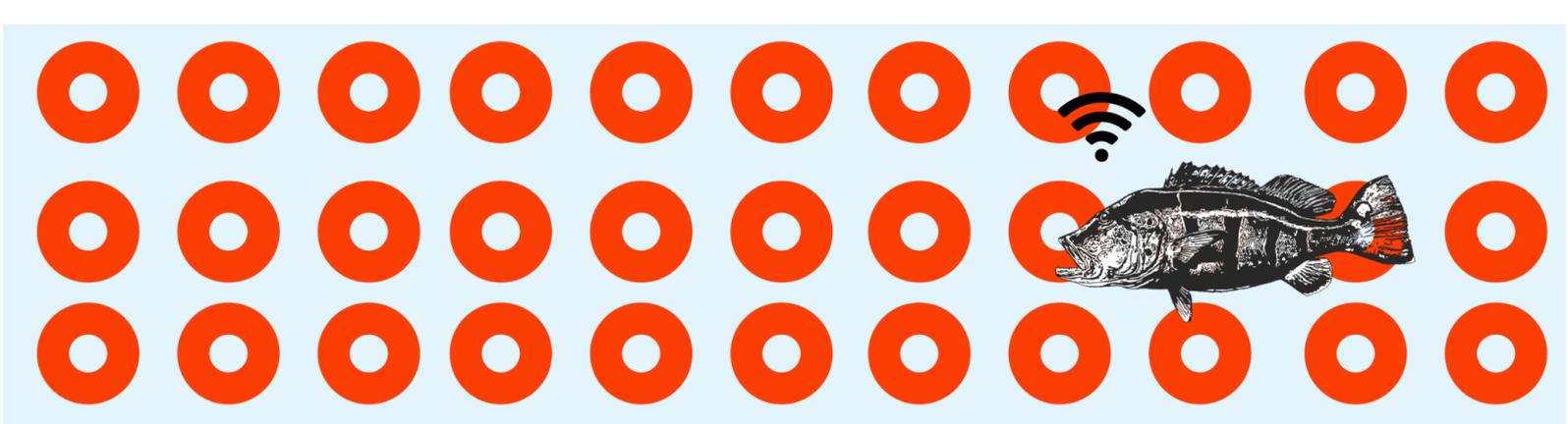


trecho, ela canta: “*a new democracy. God and Pornography*”¹³ que me faz refletir muito sobre a conexão destas duas palavras “*god*” e “*pornography*” e nos caminhos-outros para pensar as sexualidades nas artes¹⁴ e nas minhas buscas, cheguei ao professor Afonso Medeiros, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Pará e que tem um estudo muito importante sobre as questões do que chamam de arte erótica e arte pornográfica e tornou-se uma referência para minhas pesquisas e tem me ajudado profundamente a pensar nas relações das artes da sexualidade com o CIS-tema de arte tanto nas questões de produções imagéticas como da palavra¹⁵. Durante os oito anos nos quais Afonso se debruçou “sobre a representação do desejo e da sedução na história da arte e na cultura visual” (Afonso MEDEIROS, 2016, p. 27), sua pesquisa me trouxe importantes reflexões sobre as questões da representação do explícito nas minhas criações poéticas visuais, assim como na construção epistemológica do conceito de “Pornossexualigrafia”. Sobre a construção do erótico nas artes, Afonso escreve: “durante muito tempo, o erótico (aliado à sensualidade) foi a expressão permitida do corpo, enquanto que o obsceno [pornográfico] (identificado como impureza e aliado ao excesso e ao desregramento) foi a visão interdita desse mesmo corpo” (Afonso MEDEIROS, 2008, p. 29). “A simples menção da palavra “pornografia” acarreta estranhamento e, no campo das artes visuais, resume-se tudo ao termo ‘erotismo’” (Afonso MEDEIROS, 2010, p. 464). Analisar essa dualidade se faz extremamente importante uma vez que pesquisar sobre as artes da sexualidade é buscar entender nossas sexualidades em seu aspecto expandido, ou seja, não apenas da sua subjetividade, mas também da sua prática no campo das artes, principalmente, na representação de uma imagética explícita, não metafórica, especialmente, no que se refere às questões de linguagem artística. Sobre este tema, o professor escreveu o seguinte:

¹³ Tradução minha: “Uma nova democracia. Deus e Pornografia”. Vídeo disponível em <https://youtu.be/zy-sdTOW5cs>. Acesso em 29/04/23.

¹⁴ Acho importante frisar que não entendo o uso por Madonna da palavra “god” como uma associação a figura religiosa do que, por exemplo, católicos entendem como deus. Nem tão pouco acredito no uso da palavra “pornografia” a partir do significado construído socialmente com um viés machista elitista sexista conservador.

¹⁵ Importante salientar que uso os termos “imagéticas” e “palavra” não apenas no sentido de uma construção do sentido visual, mas também uma provocação aos demais sentidos, como o do ouvir ou o do falar, como forma de enfatizar a importância de epistemologias que surgem de uma imagem sonora ou de uma palavra declamada.



É necessário reiterar que do século XVI ao XIX, a pintura e a escultura jamais produzirão [produziram] tantas cenas de sexo explícito como na gravura. Estabelecendo mais uma fronteira nada sutil entre artes “maiores” e “menores”, a representação do corpo na escultura e na pintura raramente trafega no campo do obsceno, enquanto que a gravura, com seu caráter de reproduzibilidade e portabilidade, tornou explícita a libido, o desejo e os prazeres da carne com detalhes que não deixam nada a dever às mais ousadas publicações pornográficas da atualidade. (Afonso MEDEIROS, 2008, p. 47)

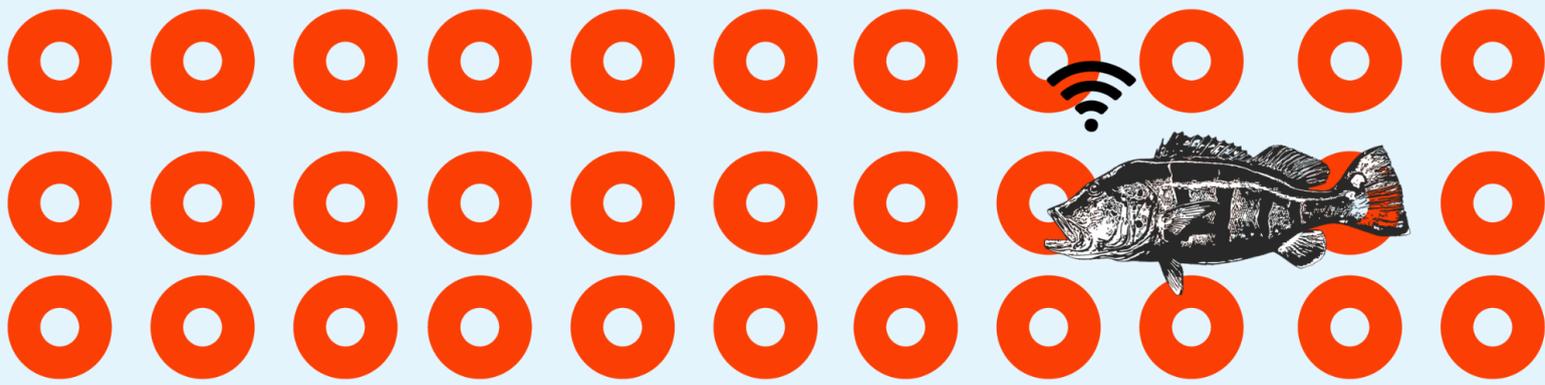
Mais adiante, em um outro trecho, ele cita, além da gravura, a fotografia, e trata sobre como essas linguagens estariam mais próximas das representações ditas pornográficas. Deste aspecto relacional – pintura > erotismo / gravura > pornografia – o que diferiria as duas obras que cito a seguir? Ambas datam deste período (séculos XVI – XIX). A primeira é a pintura *O jardim das delícias terrenas*¹⁶, do holandês Hieronymus Bosch (1500-1505 – século XVI); a segunda, litografias do artista austríaco Mihály Zichy, da série *Liebe*¹⁷, da segunda metade do século XIX. Ambas retratam cenas de sexualidade explícita. Na obra de Bosch, em meios aos diversos detalhes da pintura, temos seres diversos – pessoas, bichos, sereias etc. Corpos nus, sozinhas, em duplas, em grupos, interracialis, ou seja, uma grande orgia explícita. Nas litografias de Zichy, temos pessoas exercendo sua sexualidade de diferentes maneiras: homens se masturbando, mulheres grávidas fazendo sexo, corpos lidos como femininos chupando corpos lidos como masculinos, corpos lidos como masculinos chupando corpos lidos como femininos. No entanto, qual a lógica do CIS-tema de arte em determinar que

[...] o erótico é preferencialmente uma forma de representação do corpo presente na escultura e na pintura, enquanto que o obsceno é praticamente abordado na gravura e na fotografia. A escultura e a pintura (objetos únicos) privilegiaram as grandes narrativas e nelas inseriram a visão do corpo metafísico. A gravura e a fotografia (objetos reproduzíveis), ao contrário, preferiram o prosaico e a perspectiva física. Aquela fronteira entre o “bom gosto” do erótico e o “mau gosto” do obsceno se verifica também na escolha da linguagem artística (Afonso MEDEIROS, 2008, p. 50) ?

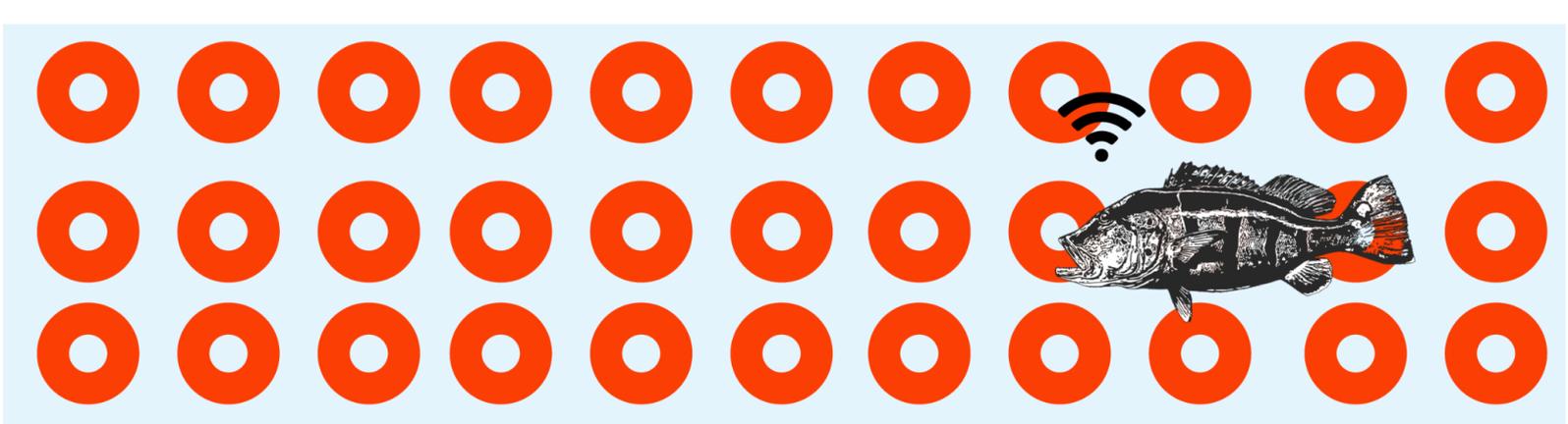
Num processo de categorização e hierarquização do CIS-tema de arte, por que

¹⁶ Disponível em <https://notaterapia.com.br/2015/12/14/7-detalhes-de-o-jardim-das-delicias-terrenas-de-hieronymus-bosch-que-voce-provavelmente-nunca-percebeu/>. Acesso em 02/05/23.

¹⁷ Disponível em <http://www.shapiroauctions.com/auctions/russian-international-art-auction-2014-06-07/46-mihaly-von-zichy-hungarian-1827-1906/>. Acesso em 02/05/23.



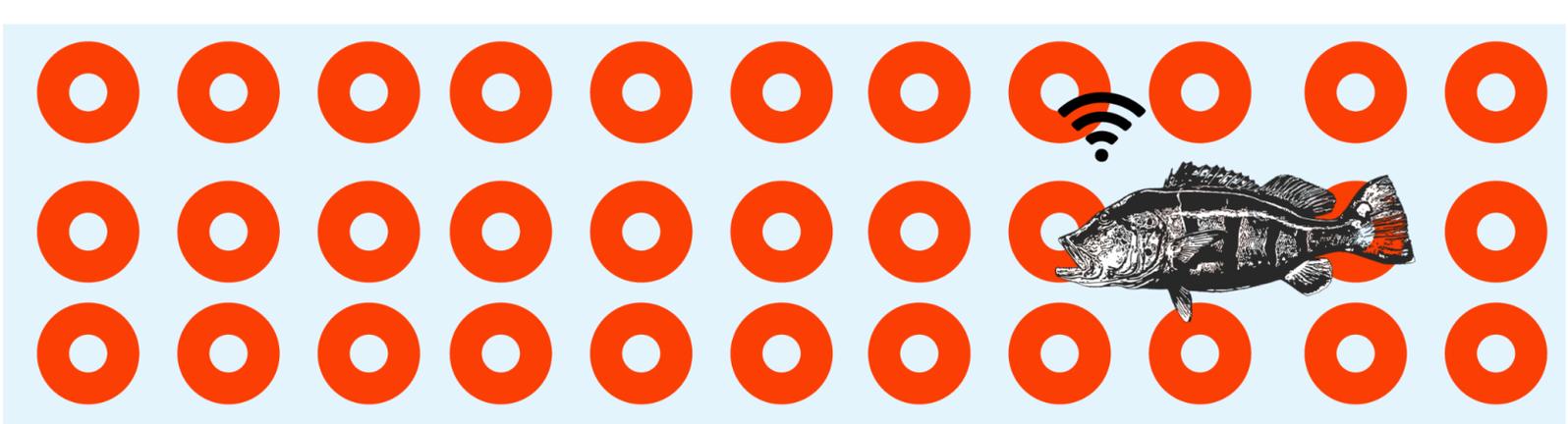
historicamente o erótico pode ser associado à pintura e à escultura quando estão conectadas com a ideia de artes da aura e o pornográfico, conectadas com as artes da reprodutibilidade? Esse tipo de associação subliminar não teria contribuído para uma definição e hierarquização entre o erótico e o pornográfico em termos de “alta cultura” e “baixa cultura”? Destas reflexões, e pensando junto com Walter Benjamin e seu texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica: primeira versão* (1985), o romper com as tradições hegemônicas do erótico e do pornográfico talvez seja uma inevitável consequência do pensamento crítico em relação às construções artísticas das sexualidades. Quando afirma que “retirar o objeto do seu invólucro, destruir sua aura, é a característica de uma forma de percepção cuja capacidade de captar ‘o semelhante no mundo’ é tão aguda, que graças à reprodução ela consegue captá-lo até no fenômeno único” (Walter BENJAMIN, 1985, p. 170). De forma que retirar essa carga erótica/pornográfica das artes das sexualidades seja a ação que falta para esta nova forma de perceber nossas relações com nossas sexualidades e as expressões artísticas dessas sexualidades – não mais categorizadas no âmbito do erótico ou do pornográfico – mas no âmbito do político num total romper com a bolha conservadora (o invólucro) para um espaço de ressignificação de nossas construções poéticas e na própria escrita da história da arte, de forma que essas falhas categóricas (erótico/pornográfico, alta cultura/baixa cultura) nos dão ainda mais motivos para este processo de rompimento com a dinâmica de higienização das artes das sexualidades, me possibilitado pensar para além do CIS-tema da universidade e de arte para pensar os discursos em torno das artes e da sexualidade e pensar potencialidades-outras de debater temáticas tão essenciais, mas ainda tão carentes de uma reparação artística-histórica. E essas construções só são possíveis, pelo menos para mim, quando há um fluxo contínuo entre os discursos: o visual alimentando o verbal e o verbal alimentando o visual. Não há fronteiras e, como Afonso escreve, é “mais pertinente não falarmos em ‘fronteiras’ entre o erótico e o obscuro, mas em margens líquidas, sujeitas a enchentes e vazantes” (Afonso MEDEIROS, 2008, p. 63). E vou aproveitar o gancho desse trecho para a uma outra consideração. Justamente porque essas margens são líquidas, transbordantes é que observo no termo proposto por Afonso em suas pesquisas – “arte pornô-erótica” – uma problemática. Primeiro, por ainda se manter numa perspectiva de dualidade, de antagonismo e limitante entre duas escolhas. Segundo, por acreditar que não



alcança com profundidade e transgressão necessárias o romper anti-higiênico com as normatividades do CIS-tema de arte e os silenciamentos gerados nas escritas da história da arte em torno das sexualidades. E aceitando o convite de Afonso de buscar algo que promova uma “diluição de fronteiras entre erotismo e pornografismo na contemporaneidade” (Afonso MEDEIROS, 2010, p. 473) é que proponho a ideia de “Pornossexualigrafia” (Christian DE SOUSA, 2022).

Como uma forma de quebrar essa divisão das artes entre eróticas e pornográficas, proponho um outro pensamento em que essa categorização seja interrompida. A Pornossexualigrafia consiste em um convite à ruptura, à construção de devires epistemológicos – imagéticos e conceituais, a pensar além da dualidade erotismo/pornografia. Nesse novo mundo que não está mais porvir, pelo contrário, já está por aí, ocupamos as brechas e criamos outros espaços nos quais as separações entre artes eróticas e pornográficas já não fazem mais sentido, as artes das sexualidades são o que são. Assim, a Pornossexualigrafia propõe analisar criticamente as estruturas do CIS-tema de arte e das categorizações em que algumas obras são inseridas. Categorizações essas que acabam por causar repressões e censuras à sensualidade, à sexualidade, a artistas e obras. É um convite a pensar além dessa ideia do erótico como o limpo, o aceitável; e o pornográfico, o contrário disso. A proposta é pensar nas artes das sexualidades como uma representação discursiva e imagética artística para além das narrativas conservadoras do CIS-tema de arte e entender as artes pornossexualigráficas simplesmente como “criação, isto é, concepção, gestação e parto de forças criadoras” (abigail Campos LEAL, 2021, p. 29). Forças essas que se fazem cada vez mais presentes pelos “dispositivos de arte” (Bruno NOVADVORSKI, 2021) ocupados pelas corpos desobedientes de gênero, da sexualidade e das normas. Então, diante da falha do CIS-tema, nos agarremos às nossas putarias artísticas e façamos arte, artes pornossexualigráficas. Isso não é uma definição nem uma verdade em si mesmo, são pensamentos e possibilidades, é um caminho ou um desvio do caminho...

As artes pornossexualigráficas são grafias de um desejo artístico. Artes nascidas nas camas, nas festas, nas surubas, nos guetos, em qualquer lugar onde nossas corpos desnudas e em tesão se encontram a outras corpos plurais desnudas, livres, orgásticas, consentidas e descolonizantes. Dodi Leal escreveu que “criar só pode ser ato de transacionar elementos em

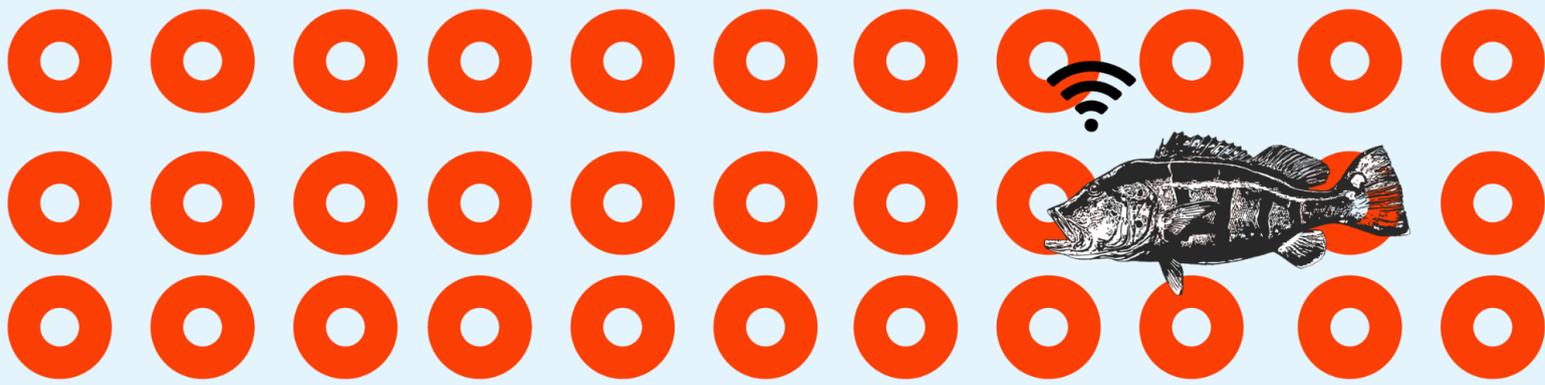


torno não de um fim, mas de uma finalidade, ou de finalidades” (2018, p. 393). Assim, nossas corpos em êxtase não são o fim, são pontes para conversas e discussões para artes-outras, artes pornossexualigráficas para as TRANSformações-TRANSgressões que precisam urgentemente acontecer. Para a construção de retratos-outros de quem somos e de nossas histórias e de nossas sexualidades como em *Retratos Pornossexualigráficos* (2022)¹⁸, instalação pornossexualigráfica que mistura performance, vídeo, GIFs na construção de imagens da sexualidade de cada pessoa que aceitou o convite e fez de seus desejos e fetiches movimentos de resistência e, principalmente, de insurreição. Pessoas que se permitiram que eu as gravasse em seus momentos mais íntimos para fazerem delas forças criadoras na construção de levantes explícitos que contribuirão no processo de fissuras do CIS-tema de arte para além da dicotomia erotismo/pornografia. Para a construção epistemológica de uma nova historiografia das artes das sexualidades (um novo retrato), um retrato pornossexualigráfico. As expressões de nossa sexualidade são parte dessa insurreição para a qual convido a todes, todas e todos a fazer parte, a serem Sujeitas de [r]e[s][x]istências no romper anti-higiênico com o CIS-tema de arte e ser parte dessa construção de histórias para além do erótico, para além do pornográfico. Um convite a pensar pelos desvios as pornossexualigrafias de nossas artes.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica: primeira versão. In: *Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I, 3ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BULHÕES, Maria Amélia. O sistema da arte mais além de sua simples prática In: *As Novas Regras do Jogo: o sistema da arte no Brasil*. Maria Amélia Bulhões et al. Porto Alegre: Zouk, 2014.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DE SOUSA, Christian Gustavo. *Retratos Pornossexualigráficos: as histórias contadas pelas sujeitas de [r]e[s][x]istências no romper anti-higiênico com o CIS-tema de arte* / Christian Gustavo de Sousa. -- 2022. 314 f. Orientadora: Mônica Zielinsky. Coorientador: Leandro Colling. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS, 2022. Disponível em < <https://bit.ly/CTRDissertacaoMestrado>>. Acesso em 07/05/2023.

¹⁸ Ver em <http://theredstudio.com.br/index.php/portfolio/gifs/648-retratos-pornossexualigraficos>. Acesso em 02/05/23



KURY, Bruna. *A pós-pornografia como arma contra a maquinaria da colonialidade*. São Paulo: FERALIVRE, 2021.

LEAL, abigail Campos. *ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*. São Paulo: GLAC edições, 2021.

LEAL, Dodi. Performatividade dos afetos: a angústia como passagem entre a falência do existir e uma ética da coralidade queer contemporânea. In: *Gênero expandido: performances e contrassexualidades*. Dodi Leal e Marcelo Denny. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2018.

MEDEIROS, Afonso. *O imaginário do corpo: entre o erótico e o obscuro: fronteiras líquidas da pornografia* / Afonso Medeiros (org.) ; Raimundo Martins (ed.). – Goiânia: FUNAPE, 2008. 1v. – (Coleção desenredos; 4).

_____. *Apontamentos para uma cartografia da história da arte pornoerótica*. In.: Anais [do] 19º Encontro da ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Cachoeira, BA, 20 a 25 de setembro de 2010 / Maria Virginia Gordilho Martins, Maria Hermínia Olivera Hernández (organizadoras). - Salvador: EDUFBA, 2010. (p.460 - 474).

_____. *Erotismo & pornografia na arte: uma história mal contada?* Cartema - Nº 5 - Ano 5 - Dezembro de 2016. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/CARTEMA/article/view/234382>. Acesso em 02/05/23.

NOVADVORSKI, Bruno. *Dispositivo de arte: meu corpo contrassexual e artístico* / Bruno Novadvorski. – Porto Alegre: Ars Sexualis, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

VERGUEIRO, Viviane. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade* / Viviane Vergueiro. - 2016. 244 f. Orientador: Prof. Dr. Djalma Thürler. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

VIEIRA, Helena. YouTube. 2021. Disponível em <<https://youtu.be/mt2dbhRYAE4>>. Acesso em 29/04/23.

Como citar este texto:

SOUSA, Christian G. Das Falhas do CIS-tema de Arte, Surgem as Pornossexualigrafias. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 8, 2023, Belo Horizonte. *Anais do 8º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais 2023*. Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2023. ISSN: 2674-7847. p.1-12.